

REIS DE BOI: INFLUÊNCIA PORTUGUESA NA CULTURA POPULAR BRASILEIRA

Reis de boi: portuguese influence in popular brasilian culture

SOUZA, Rosi¹; ZIMERER, Fabiane²; ZORDAN, Ana Rita³

Resumo

O Reis de Boi é uma manifestação da cultura popular brasileira ligada aos festejos do chamado ciclo natalino e tem por devoção os Reis Magos. Originária de manifestações religiosas ibéricas, as tradições populares dos Reis Magos chegam ao Brasil com os portugueses, na época da colonização. A cultura portuguesa está espalhada nesse país de norte a sul e de leste a oeste, porém, miscigenada com as culturas indígena e negra. O que torna esse imenso território interessante é que podemos observar danças, músicas, festas, folclores num colorido ímpar, exatamente por essa miscigenação. Num misto de sagrado e profano os grupos de Reis de Boi dançam e cantam enchendo de alegria os corações das crianças e dos adultos. Com as batidas dos pandeiros, os acordes das sanfonas e o dedilhar dos violões abrem-se os sorrisos e a festa começa. Esse artigo pretende contribuir para a ampliação de publicações acerca dessa manifestação, contribuindo assim para a visibilidade e o reconhecimento dessa importante prática cultural.

Abstract

“Reis de Boi” is a manifestation of the Brazilian popular culture, which is connected to the festivities of the Christmas cycle, is devoted to the Reis Magos. Having its origins from iberic religious manifestations, the popular traditions of the Reis Magos arrived in Brazil with the Portuguese at the time of the colonization. The Portuguese culture is spread all over this country, from north to south, east to west, mixed with the black and indian cultures. What makes this emense territory interesting is the fact that we are able to observe dances, music, parties and folklore, all due to this miscigenation. Mingling sacred and profane the Reis de Boi dance and sing bringing joy to the hearts of children and adult. The beats of rattles, chords of concertinas and strum of the guitars cause people to smile and the party begins. This article aims at the expansion of publications about this manifestation, contributing to the visibility and recognition of this important cultural practice.

Palavras-chave: Reis de Boi; Santos Reis; Cultura Popular.

Keywords: Reis de Boi. Santos Reis. Popular Culture.

Data de submissão: Junho de 2015 | **Data de publicação:** Setembro de 2015.

¹ ROSIMEIRE SANTORO SOUZA - Doutoranda em Ciências da Educação da Universidade Trás os Montes Alto Douro. Correio eletrônico: rosi.santoro1105@gmail.com

² FABIANE VASCONCELOS SALUME ZIMERER - Mestranda do Programa de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Correio eletrônico: fabisalume@hotmail.com

³ ANA RITA VITOR DE ASSIS ZORDAN - Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo. Correio eletrônico: assiszordan@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Formado por diferentes etnias que trouxeram consigo suas raízes culturais, o povo brasileiro tornou-se rico em tradições, costumes e religiosidade. De norte a sul deste imenso país, este hibridismo cultural se apresenta sob a forma de cultura popular com incontáveis manifestações, festas e folguedos, danças e cantos, cores e ritmos num processo dinâmico, ativo e pulsante. Cada um desses elementos é a expressão viva da memória, da identidade e da pluralidade do povo brasileiro.

Nesse artigo descreveremos uma manifestação da cultura popular brasileira denominada *Reis de Boi*, encontrada nas cidades de São Mateus e Conceição da Barra, na região norte do Espírito Santo.

O *Reis de Boi* está ligado aos festejos do chamado ciclo natalino e tem por devoção os Reis Magos, também chamados de Santos Reis.

Originárias de manifestações religiosas ibéricas, as tradições populares dos Reis Magos chegam ao Brasil através dos portugueses, que exerceram enorme influência na formação da cultura brasileira, deixando sua contribuição na culinária, no plantio de diferentes culturas, na arquitetura, escultura, pintura, literatura, música, artes decorativas, festas, folclore e principalmente na língua e na religião.

O catolicismo implantado no Brasil pelos portugueses trouxe consigo as tradições do calendário religioso, baseado em três datas importantes que são: a Páscoa, São João e o Natal, formando os chamados ciclos Pascoal, Junino e Natalino. Apesar de um calendário oficial, o catolicismo no Brasil ganhou formas mais populares, principalmente nas regiões do interior. Devoções, louvações e procissões homenageiam Santos e Santas padroeiros, em inúmeras localidades em todo país.

Festas devocionais atraem milhares de pessoas de diferentes classes sociais e regiões que não medem esforços para pedir, agradecer e louvar seus santos. Nesse contexto se insere o *Reis de Boi*, que conserva até hoje os elementos do catolicismo popular, expresso através dos cantos e danças, da devoção, da brincadeira do boi, da comilança, da alegria, do festejar e faz da sua apresentação, em sua totalidade, um momento de celebração e encontro com o divino.

A devoção aos Santos Reis

A tradição popular dos Reis Magos, segundo vários autores, é muito antiga e deriva de manifestações Ibéricas em rituais religiosos. Ao serem trazidas para o Brasil sofreram influências locais, regionais e étnicas. Desde os primórdios da Cristandade os Reis Magos influenciaram as artes e as tradições populares. Segundo SILVA (2006), o pesquisador francês Gilbert Vezin, autor da obra clássica, "*L'Adoration et le cycle des Mages dans l'art chrétien primitif*" afirma de modo categórico: "O tema da Adoração dos Magos foi o assunto mais popular e frequente que se expressou na arte, no Oriente e no Ocidente".

“Entre os escritos da Idade Média que se referem à origem e à história dos Magos do Oriente, os mais antigos que circulavam pela cristandade eram, segundo Elizabeth Christern, os Manuscritos de Friedrich Wilhelm, intitulados "*Zur Dreikonislegend*", compreendendo duas "Lendas dos Três Reis", abrigados do Museu de Filologia da Idade Média e do Renascimento de Munique – Alemanha [vol.2, 2º caderno, página 146 e seguintes]; o outro, segundo Franco Cardini, de autoria de Jacobo Vorágine, Bispo de Gênova, intitula-se "Legenda Áurea", escrito entre 1280 e 1290" (SILVA, 2006, p.19).

Porém, o mais referenciado documento destinado a elucidar a origem dos Magos é o manuscrito *Historia Trium Regum* publicado entre 1364 e 1375, cuja autoria é de Johannes Von Hildesheim, monge carmelita alemão e professor de teologia em Paris. (SILVA, 2006, p. 19). Estes personagens bíblicos surgem no capítulo 2 versículos 1 a 12 do Evangelho de Mateus: a *Adoração dos magos*. A tradição dos reis remonta ao nascimento de Jesus que assim é descrita na Bíblia Sagrada:

“Tendo, pois, Jesus nascido em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que magos vieram do oriente a Jerusalém. Perguntaram eles: “Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer? Vimos a sua estrela no oriente e viemos adorá-lo.” A esta notícia, o rei Herodes ficou perturbado e toda Jerusalém com ele. Convocou os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo e indagou deles onde havia de nascer o Cristo. Disseram-lhe: “Em Belém, na Judéia, porque assim foi escrito pelo profeta: *E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as cidades de Judá, porque de ti sairá o chefe que governará Israel, meu povo*” (Miq 5,2). Herodes, então, chamou secretamente os magos e perguntou-lhes sobre a época exata em que o astro lhes tinha aparecido. E, enviando-os a Belém, disse: “Ide e informai-vos bem a respeito do menino. Quando o tiverdes encontrado, comunicai-me, para que eu também vá adorá-lo.” Tendo eles ouvido as palavras do rei, partiram. E eis que a estrela, que tinham visto no oriente, os foi precedendo até chegar sobre o lugar onde estava o menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa, acharam o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se diante dele, o adoraram. Depois, abrindo seus tesouros, ofereceram-lhe como presentes: ouro, incenso e mirra. Avisados em

sonhos de não tornarem a Herodes, voltaram para sua terra por outro caminho. (BÍBLIA SAGRADA, cap. 2, 1-12, 2003, pp.1285-1286).

O evangelista não diz quem é e nem quantos, porém, são inúmeras as interpretações sobre os reis magos.

“Conhecida, em sua forma mais popular, como a “Adoração dos Reis Magos”, essa passagem da Escritura Sagrada é fonte de inspiração para as mais variadas manifestações nas letras e nas artes, contribuindo para o desenvolvimento de tradições populares as mais diversas” (SILVA, 2006, p.11).

Este episódio dos Reis Magos descrito acima, no medievo, era representado nas igrejas européias através de Autos litúrgicos medievais. Segundo Silva (2006), estudiosos do teatro medieval como Karl Young e Grace Frank em seus livros *The Drama of Medieval Church* e *The Medieval French Drama*, respectivamente, dedicam especial atenção sobre a presença dos Reis Magos comentando a respeito das dramatizações natalinas nas Igrejas Europeias no período da Epifania⁴ no dia 6 de janeiro.

“Decididamente, despertava mais atenção as representações dramáticas dos Magos na Epifania, 6 de janeiro [...] porque as diversas versões [dos autos] sobre os Magos [Officium Stellae] encenavam, em breves episódios, a visita dos pastores a Belém e, assim, já ampliavam as ações das peças Pastoris [Officium Pastorum]”. (YOUNG, *apud* SILVA, 2006, p. 25).

E ainda:

“[...] o Auto Pastoril [Officium Pastorum], originalmente destinada ao Natal, logo se agregou as festas epifânicas, apresentadas em 6 de janeiro. Estas, também chamadas < Officium Stellae >, ofereciam mais ricas oportunidades para dramatizações [...]”. (GRACE, *apud* SILVA, 2006, p. 25).

Acredita-se que a propagação pela Península Ibérica do *Auto de los Reyes Magos* encenado na Espanha, tenha fortemente influenciado obras semelhantes muito presentes na literatura espanhola e portuguesa.

A temática dos Reis Magos originalmente de berço religioso foi ganhando espaço e representatividade não só dentro da Igreja, mas também fora dela o que lhe deu

⁴ Epifania significa aparição, manifestação e vem do grego “epiphania.” No sentido religioso, no calendário litúrgico da Igreja Católica, significa uma manifestação divina, por exemplo: quando houve a apresentação de Jesus Cristo ao mundo, através da chegada dos Reis Magos trazendo seus presentes. <http://www.significados.com.br/epifania/>

características diferentes diante da sua popularização. A respeito disso, C. Horstmann, (apud SILVA, 2006, p.28), presidente da organização “*Early English Text Society*”, assinala um aspecto interessante nas festas dos Reis Magos: “A celebração no dia de Santos Reis era solenizada em incomum alegria e esplendor, com encenações dramáticas dentro da Igreja e de mascaradas (sic) fora (...)”. Émile Male (apud SILVA, 2006), historiador de arte francês, também reforça a tendência à popularização da dramaturgia dos Reis Magos quando diz: “(...) ganhavam o gosto popular e no século XIV o drama dos Magos não se representava somente na Igreja, mas também em pleno ar livre”. Assim também nos mostra Torres, Cavalcante (2008, p.16):

“As tradições populares do ciclo natalino eram comuns em toda a Europa Cristã, em países como França, Itália, Alemanha, Portugal e Espanha. [...] Representações de rituais litúrgicos relativos aos Magos, que, a princípio, eram realizados no interior das igrejas, foram, pouco a pouco, popularizando-se, transportados para espaços abertos - praças e ruas”.

Estas festas fora do espaço da Igreja assumiram um caráter profano. Sobre isso Franco Cardini (apud SILVA, 2006, pp.28-29) baseado na obra “*Teatro Spettacollo nel medioevo*”, 1988 de L. Allegre assim nos diz:

“[...] aquelas singelas representações [dramatizações litúrgicas] há muito haviam degenerado em orgias tumultuosas e desconexas. Talvez o que no fundo se pretendia não era tanto a decadência dos costumes, mas um passo qualitativo de uma cerimônia litúrgica ampliada, segundo as técnicas do < tropo >, uma autêntica representação teatral”.

Ainda segundo Silva (2006, p.29), Cardini menciona a reação da Igreja a tais excessos que levaram o Papa Inocêncio III (1198 a 1216) a redigir um decreto atacando e repudiando os mesmos. Rei Afonso X também se manifestou a esse respeito vetando o que ele chamou de “*jogo de escárnio no interior das Igrejas*”, ao mesmo tempo em que “*consentia a representação de Nosso Senhor Jesus Cristo [...] e, outrossim, de como os Três Reis Magos o vieram adorar*”. (SILVA, 2006, p.29). Ainda a esse respeito, Luiz Francisco Rabelo (apud Silva 2006, p. 29), em sua *Breve História do Teatro Português*, assim escreve:

“Foi de resto a interdição de jogos [encenações] profanos no interior dos templos, aliado ao declínio do primado espiritual da Igreja, que deu causa a secularização do teatro o qual, liberto dos formalismos rituais assumiu uma feição, predominantemente popular, de harmonia com exigências do novo público iletrado, a quem passou a dirigir-se”.

Na Espanha e Portugal os dramas litúrgicos de outros países europeus foram inseridos às ordens religiosas e usados como ferramenta de ensino e de difusão da doutrina cristã. Nestes dois países podemos destacar uma particularidade que eram os chamados “grupos peditórios”. Em Portugal eram conhecidos como Cantares de janeiras e Reis e na Espanha havia o costume dos Vilancicos⁵. Sobre isso também nos diz Torres, Cavalcante (2008, p.200):

“Assim surgiram os cortejos, vinculados aos templos religiosos das cidades, que encenavam a temática dos Magos, bem como grupos peditórios, no âmbito dos povoados rurais que, de casa em casa, levavam a mensagem do nascimento de Jesus Cristo. Atualmente, alguns países europeus ainda mantêm essas tradições milenares”.

Ainda a respeito dos grupos peditórios, Silva (2006, p. 62), cita uma passagem do Compêndio Narrativo do Peregrino da América de Nuno Marques Pereira onde o autor assim descreve:

“[...] uma noite dos Santos Reis saíram estes [homens] com vários instrumentos pelas portas dos moradores de uma vila cantando para lhes darem os Reis em prêmio que uns lhes davam dinheiro e outros doces, frutas, etc..”.

Estas tradições Ibéricas com suas dramatizações ou peditórios chegaram ao Brasil, trazidas pelos portugueses. Os Jesuítas que chegaram juntamente com o Primeiro Governador Geral Tomé de Souza em 1549 utilizaram destas tradições para catequizar e instruir índios e colonos portugueses que aqui se encontravam. José de Anchieta, padre jesuíta nascido nas Ilhas Canárias e de formação universitária portuguesa (Coimbra) chega ao Brasil em 1553 e ao longo de sua vida escreve vários discursos, versos, textos históricos, cartas e peças teatrais sendo estas últimas, repletas da influência de Gil Vicente, poeta e teatrólogo português.

Mediante a observação da prática dos índios relacionada à dança, cantos e rituais de expressão, que podiam ser de alegria, de agradecimento ou de culto às suas divindades, Anchieta mesclou seus conhecimentos teatrais religiosos a este conhecimento popular criando um estilo próprio que ficou conhecido como teatro Anchietano. Utilizava até quatro idiomas: o latim, o português, o espanhol e o tupi para escrever seus autos unindo

⁵ Os Vilancicos são tratados no *Catálogo de Villancicos de La Biblioteca Nacional* – da Espanha, em dois volumes, século XVII e século XVIII – XIX. O Catálogo define três tipos de Vilancicos: “Barroco”, “Popular Navideño” e “Profano”, com as seguintes características: “o Barroco, cultivado no século XVII e XVIII, < cantata espanhola > composta por Maestro de Capela para as festividades religiosas; o Profano dos séculos XV e XVI, forma poética de lírica popular, herdeiro de Zegel [de origem árabe, segundo Menendez de Pidal] e o popular Natalino, típico das festas de Natal” (SILVA, 2006, p. 39).

temas e personagens indígenas e europeus com o intuito de atingir seu principal público alvo: os índios em seu processo de ensinamento e catequese.

“Os missionários jesuítas utilizavam, no trabalho de catequese e ensino, “peças do folclore ibérico, canto gregoriano e música indígena, executada com seus chocalhos e flautas”, assim escreve o historiador Hernani Silva Bueno, no volume 7 da coleção História do Brasil. Acrescente-se, ainda, os cortejos religioso - festivos que se realizavam nesses aldeamentos por ocasião dos dias santificados e dos respectivos padroeiros; com “representações, folias, danças e mascarados”. Assim registram o Padre Carlos Bressiani, no livro **A Primeira Evangelização das Aldeias ao redor de Salvador, Bahia 1549-1569**, e Leite de Vasconcelos na transcrição etnográfica do “Peregrino da América”. De Nuno Marques Pereira. (SILVA, 2006, p. 47).

Os Reis Magos também estiveram presentes nas obras de Anchieta como na peça intitulada *Pregação Universal*. Complementando, Silva (2006, p.67) ainda esclarece:

“O catequista José de Anchieta, [...] compôs, ensaiou e representou sua peça teatral inicial, “Pregação Universal”, re intitulada “Na Festa de Natal”, na Igreja dos Jesuítas, em São Paulo de Piratininga (atual cidade de São Paulo), no Natal de 1561, no Ano Novo e no dia de Reis de 1562. Este é o primeiro registro de um Auto encenado no Brasil que, com adaptações diversas, foi repetido por toda a costa brasileira, em aldeamentos jesuíticos como São Lourenço [Niterói] e São Vicente [São Paulo], Reis Magos [Espírito Santo], entre outros”.

A presença de mascarados nas peças jesuítas, segundo o etnógrafo português Leite de Vasconcelos (apud SILVA, 2006, p. 62), é citada no Compêndio Narrativo do Peregrino da América de Nuno Marques Pereira. Leite de Vasconcelos, em artigo inserido na edição do referido Compêndio, destaca a passagem em que se refere às comédias jesuíticas que eram encenadas: “E a razam he por se meterem, entre elles muitos mascarados, negros, mulatos e gente calceira e vadia [sic]”.

Sobre a difusão e transformação dessa manifestação Torres e Cavalcante (2008, p.201) acrescentam:

“Tudo indica que, no início da colonização, juntos aos núcleos de povoamentos mais consolidados (Salvador/vilas próximas do Recôncavo, Olinda e, pouco depois Recife, já sob o domínio holandês, Rio de Janeiro/Niterói e São Vicente/São Paulo de Piratininga) moldaram-se as formas iniciais das tradições de Reis no Brasil. Presépios, Lapinhas e Pastoris, seguindo-se de outras representações folclóricas derivadas, Reisados, Rancho de Reis, Terno de Reis (versão baiana), Guerreiros, etc.”.

Como dissemos no início deste capítulo, as tradições dos Reis no Brasil sofreram influências locais, regionais e étnicas. Bem como na Europa, foram se popularizando e por

consequência assumindo traços particularmente brasileiros, porém, mantendo como base a devoção aos Santos Reis. Os excessos de profanação ocorridos na Europa medieval, também se fizeram presentes no Brasil gerando reação idêntica ao período acima citado, com a reprovação e impedimento dessas manifestações populares no interior das Igrejas.

“Na década de 1980, com a vinda do Papa João Paulo II a Santo Domingo (América Central), houve, contudo, uma mudança dessa postura eclesial. A partir daí, a Igreja Católica, através do processo de inculturação, abriu novamente suas portas a essas manifestações populares, reaproximando-se, assim, de seus seguidores, dando novo impulso às Festas dessas tradições de Reis” (TORRES, CAVALCANTE, 2008, p.202).

Com isso, as manifestações ganham novamente o espaço sagrado das Igrejas e também as ruas num misto de sagrado e profano sendo conhecida por diferentes nomes em diferentes regiões do país como:

“(…) as Folias/Companhias/Embaixadas de Reis, o Terno de Reis (baiano e sulino), Pastor, Tiração de Reis, o Presépio, as Pastorinhas, os Pastoris, o Bumba-meu-boi do Nordeste brasileiro oriental, o Boi-de-Mamão, o Boi de Reis, **o Reis de Boi**, o Cavalo-Marinho, a Companhia de Pastores, as Reiadas, Reis de Careta e tantas outras manifestações, cobrindo praticamente todo o território brasileiro” (TORRES, CAVALCANTE, 2008, p.203).

As manifestações acima descritas por Torres e Cavalcante, são consideradas Reisados, segundo Passarelli (2006) em seu Estudo Preliminar da Tipologia dos Reisados Brasileiros.

“o que considereei como reisado: são as manifestações folclóricas natalinas, coreográfico-musicais, baseadas direta ou indiretamente nos costumes ibéricos do Ciclo do Natal, tendo ou não preservado o fundo religioso e independente da existência de um entrecho dramático, de peças teatralizadas, figuras de entremeio ou simulacros guerreiros”.

Porém, segundo o próprio Passarelli, muitas são as divergências em torno desta classificação, pois, para alguns, reisado só deve assim ser chamada a manifestação que contenha “este nome popular, *strictu sensu*”, como no caso do reis de congo e reis de careta, excluindo automaticamente manifestações como as “pastorinhas, folias” entre outros. Ainda segundo Passarelli, para outros, o reisado está ligado às manifestações que apresentam “cenas guerreiras” ou àquelas que possuem um caráter mais “reiseiro, laudatório”. Segundo Barroso (2008, p.1) o Reisado é:

“a um só tempo, tiro, auto-épico, brincadeira de terreiro, cortejo de brincantes, ópera popular e teatro tradicional. É rito porque encena o mito de origem do mundo cristão popular, com o nascimento do Divino. Auto-épico porque se dá em roda, com a participação ativa da comunidade. Cortejo popular porque as diversas linguagens artísticas (música, teatro, dança, artes visuais – nos figurinos e adereços), numa só apresentação. Teatro tradicional porque se trata de manifestação cênica construída secularmente pela coletividade”.

Como se pode perceber, muitos são os critérios para a classificação das manifestações que são consideradas como reisados. Para efeito de nosso estudo, iremos nos basear na classificação feita por Passarelli pautada na origem histórica, que segundo ele, “dá alguma base objetiva de consideração”.

O *Reis de boi* objeto de estudo desse trabalho é uma das tantas manifestações ligadas à tradição dos Reis Magos. Apesar de ter como característica a devoção aos Santos Reis, conserva também um lado profano com a “brincadeira” do boi. Neves (2008, pp.102-103) relaciona o *Reis de Boi* com o auto do Bumba meu boi.

“O Reis-de-Boi que vimos ali representado assemelha-se aos Bumbas-meu-Boi do norte e do nordeste. Claramente se verifica que a Catarina deve ser a mesma Tia Catarina do Bumba baiano e a Mãe Catarina do Bumba do Maranhão. Mas o ponto de referência mais estreito está no Boi – figura central nos dois autos populares. Como nos Bumbas-meu-Boi, o animal do reis-de-Boi entra em cena, dança, cabrioleia, dá marradas e, lá pras tantas morre.(...) Num e noutra folgado, o Boi ressuscita, e torna a dançar e a dar marradas nas figuras e nos assistentes”.

As semelhanças são muitas, porém, há diferenças importantes que não nos permitem dizer que o Reis de Boi seja apenas uma nomenclatura dada, no Espírito Santo, ao Bumba-meu-Boi. Neste ponto é importante frisar que segundo Passarelli (2006), o Reis de Boi, ao contrário de tantas outras manifestações que recebem diferentes nomenclaturas em diferentes regiões do país, não possui sinonímia, ou seja, não existe outra denominação para esta manifestação em nenhuma parte do Brasil. Ainda segundo Passarelli, O Reis de boi tem sua maior representatividade no norte do Espírito Santo, precisamente em São Mateus e Conceição da Barra, possuindo como características duas partes distintas: “Uma a semelhança das Folias de Reis, faz o pedido de abrição de portas, louvações sagradas e saudações aos moradores; outra lúdica e dramática, com apresentação de entremeios como um Bumba-meu-boi”. Para entendermos melhor essa afirmativa devemos esclarecer as semelhanças e diferenças que o Reis de Boi possui com a Folia de Reis e com o ‘Bumba meu Boi’. Falaremos então brevemente sobre essas duas manifestações.

Folia de Reis

Este termo “folia” surge para designar os grupos organizados que vão às ruas pedindo contribuições para a festa do santo que será homenageado. Dentro da cultura popular brasileira, muitas são as folias que fazem parte do universo religioso como a dos Reis e a do Divino Espírito Santo. Uma das características dessa manifestação é a visitação às casas dos devotos que de uma maneira geral acontece durante o período do ciclo natalino (24 de dezembro a 06 de janeiro), porém, alguns grupos de Folias de Reis tem esse período ampliado, iniciando no dia 08 de dezembro (dia de Nossa Senhora da Conceição) indo até o dia de São Brás (03 de fevereiro).

“Normalmente, saem por promessa e/ou devoção aos Santos Reis, e nas visitas, os Grupos de Reis entram nas casas, cantam à saúde e pedem a proteção de seus moradores, desejam o melhor para todos, através de bênçãos, recebendo, em contrapartida, donativos (dinheiro, mantimentos, entre outros). Esse “(...) *ritual de reciprocidade* (...) *que se processa entre pessoas do grupo e dos moradores das casas visitadas*” é o que os identifica, pois é nesse momento em que se percebem as trocas simbólicas imbuídas dessa outra característica marcante dos grupos, o peditário, que, de acordo com Théó Brandão, “(...) *é o que lhe dá o verdadeiro [sentido] e lhe cria individualidade*”. Os donativos arrecadados são utilizados para a realização da Festa de Encerramento do Grupo, ou Festa do (Ar)Remate, evento que marca o fim da jornada/giro, com fartura de comida e bebida, ansiosamente aguardado pelos componentes, familiares e convidados. Em muitas regiões, é comum a presença da figura do Festeiro (indivíduo que se prontifica a realizar essa festa), e em algumas regiões o responsável ou dono do Grupo (Mestre/ Embaixador/ Capitão) assume esse papel” (TORRES, 2007, apud SANTOS 2008, p. 96).

Sobre os personagens, Neves (2009), nos fala de figuras como palhaços que se vestem com roupas folgadas e bastante coloridas, tendo no rosto “uma máscara de couro animal” e levando nas mãos “um cajado de madeira”. Estes brincam e dançam em meio aos foliões. Os instrumentos musicais podem variar. São eles: “viola, violão, sanfona, pandeiro, triângulo ou ferrinho, caixa, bumbo, chocalho, apito”.

Bumba Meu Boi

O boi é um animal cuja sacralidade já era reconhecida entre os gregos e idolatrado por povos primitivos como símbolo de “trabalho e fertilidade”.

“Atravessando o tempo, o caráter totêmico, assumido pelo boi no Brasil, remontaria a outras paragens. Uma trilha imaginária pode ser traçada, partindo-se do longínquo Oriente, principalmente da China, onde eram respeitados como divinos auxiliares na agricultura e serviam de montaria aos sábios; passando pela Índia, na condição de ser sagrado, era o responsável pelas chuvas e, alcançando o Egito, sua miragem revela, entre cornos, o disco solar. Do outro lado do Mediterrâneo, na Grécia, inúmeros ritos irão honrá-lo em sacrifícios aos deuses e será nos mitos que aparecerá, como elemento figurativo de importância em muitas narrativas, o nascimento de Hermes, com o episódio do roubo dos bois de Apolo; a manada branca de chifres de ouro de Hélio, deus Sol, na saga de Odisseu (Ulisses); os bois do gigante Gerião, vencido por Hércules (Hércules); além de toda a companhia de touros: Zeus se metamorfoseia no animal para raptar Europa; transforma a ninfa Io, [sic] uma de suas muitas amantes, em novilha, para escondê-la da ira de Hera; o Minotauro de Creta, entre outros, mas, principalmente, aos mistérios da Terra nos mitos e cultos de fertilidade que envolvem os nomes de Deméter e Baco” (SAGAE, 1998).

No Brasil, o boi, durante o período canavieiro além de alimento era importante força de tração para movimentar os engenhos de cana e também para transporte da produção dos engenhos até os portos para ser exportada. Segundo Silva (2006, p.63), a partir das Capitânicas de Pernambuco e Bahia, o movimento pastoril se espalhou para outras Capitânicas que se encontravam em “dificuldades e abandono”. Sobre isso, Silva (2006, p.63) acrescenta:

“[...] Atravessou sertões, vertentes de bacias hidrográficas regionais, campos gerais, estendendo-se, pouco a pouco, aos atuais Estados nordestinos, alcançando Piauí e Maranhão; ou seja, ampliando as fronteiras agropastoris da região nordeste da colônia”.

É neste ambiente de difusão e desenvolvimento pecuário somado ao ciclo da cana de açúcar que vários historiadores, segundo Silva (2006, p.63), acreditam ter o Bumba-meu-Boi e suas variantes encontrado um ambiente favorável para o seu surgimento e propagação. Porém, outros autores apontam esta manifestação como fruto de todo o processo, já descrito anteriormente, onde acontece o encontro, as adaptações e apropriações dos elementos culturais das etnias formadores do povo brasileiro.

“Apesar de estar ligado ao Ciclo do Gado, o folguedo⁶ nunca teve sua procedência confirmada, em função de sua diversidade originária. Alguns autores alegam que o Bumba-meu-boi foi uma adaptação feita pelos

⁶ Folguedos são festas populares de espírito lúdico que se realizam anualmente, em datas determinadas, em diversas regiões do Brasil. O bumba-meu-boi, para Meyer (1993), é considerado um folguedo popular. Mário de Andrade (1959) classifica o bumba-meu-boi como dança dramática brasileira, relacionando-o ao Reisado. Reisado é uma “encenação com canto e dança para comemorar o Dia de Reis, em quase todas as regiões do Brasil” (SADIE, 1994 p.775).

escravos negros, índios e mestiços, a partir do teatro catequético dos Jesuítas herdado, por sua vez, da tradição espanhola e da portuguesa de se encenarem peças religiosas de inspiração erudita, mas destinadas ao povo para comemorar festas católicas nascidas da luta da Igreja contra o paganismo⁷.

Em Portugal e em quase toda Europa encontramos festas semelhantes onde o boi é figura central.

“As festas de boi encontradas em quase todo o país, exceto na região central, possuem uma origem portuguesa ou talvez de toda a Europa. Com muita proximidade, assomam as figuras do boi fingido das tourinhas do Minho, dos touros de canastra e as touradas cômicas, referência indubitável às touradas espanholas que ressoam nos modos cruéis da vaquejada, do boi-na-vara e da farra-do-boi. Também na França, existe o cortejo do boeuf gras, executado nos salões e apontado constantemente como fonte inspiradora das folias brasileiras” (SAGAE, 1998).

A festa, o folgado ou a “brincadeira⁸ do boi”, independente da nomenclatura que recebe, é vista como uma das mais ricas manifestações do folclore brasileiro. "O boi é um dos folguedos (festa popular) mais representativos da cultura brasileira, pois reúne traços de três grandes ramos da formação do nosso povo: europeu, indígena e afro-negro", [...] (FILHO, apud CÍNTIA Cristina).

A lenda do *Bumba meu boi* se passa numa fazenda de gado. Nego Chico, trabalhador da fazenda, para satisfazer sua mulher, Catirina, grávida e com desejo de comer língua de boi, mata um boi da fazenda. Depois reparte o restante do boi entre os vizinhos. Sobrando apenas o par de chifres e o rabo que ninguém quis. O amo sente falta de seu boi preferido, vindo do Egito e manda os vaqueiros e os índios procurá-lo. O vaqueiro, aborrecido por não ter recebido nenhuma parte do boi, conta tudo para o fazendeiro. Nego Chico e Catirina fogem para outra cidade. O fazendeiro convoca doutores, padres, feiticeiros e pajés e tenta de tudo para ressuscitar o boi, mas nada dá certo. Anos se passam e o fazendeiro continua chorando pela morte do boi, a história se espalha pela região e, Nego Chico e Catirina ficam sabendo e se arrependem. O filho do casal, já grandinho, ouviu a história e pediu aos pais que o levassem até a fazenda. Lá pegou o rabo do boi, espiou lá dentro e deu três sopros muito fortes. O boi, então, viveu e saiu chifrando quem tivesse pela frente. O amo não se aguentava de tanta alegria. Abraçava todos e até perdoou Catirina e Nego Chico. Todos comemoram em uma grande festa.

⁷ ESTER MARQUES. *Boi de Morro*. http://boidemorros.com.br/pagina_genealogia_origens.php (acessado em 18.05.2013).

⁸ "Brincadeira" é expressão nativa muito usada em vários folguedos brasileiros. O termo assinala, com propriedade, sua dimensão lúdica e festiva.

Encontramos ali representadas, as três etnias formadoras do povo brasileiro: o senhor branco, o casal descendente da África: Pai Francisco e Catirina e o índio representado na figura do pajé. Ainda que não tão visível, e sendo considerado por alguns como manifestação profana, o caráter religioso se encontra presente nos folguedos do boi. Entre os conflitos nos quais os seres humanos se embatem diariamente, encontra-se também o conflito da vida e a morte explicitada no caso do boi que morre e depois ressuscita. Ao se repetir todos os anos, a representação teatral do boi nos dá um senso cíclico de continuidade e esperança revelado no “milagre” da ressurreição.

“Nessa distinta função religiosa, a representação do boi relembra outros cultos que vêm desde o nascimento do Menino Jesus, para depois juntar-se à vida pastoril do Nordeste e à civilização do couro de cultura sertaneja. Descansando no presépio, o boi adora e acalenta, bafeja proteção. Na alquimia das tradições, o boi do bumba resulta sacro e profano, não somente pela contribuição portuguesa que angaria para o Brasil toda a riqueza cultural do Ocidente e do Oriente. Os processos de assimilação e transculturação ainda decorrem de outros saberes populares, de raízes indígenas e africanas, pois o folguedo encerra o verdadeiro drama brasileiro” (SAGAE, 1998).

Sendo assim, podemos concluir que:

“[...] o Bumba-meu-boi é parte das lembranças imemoriais dos rituais dos cultos agrários, dos jograis medievais, das porandubas⁹ dos indígenas, das parlendas interesseiras dos mascates, do encantamento das histórias e lendas, das experiências acumuladas de pajés, feiticeiros, magos e evangelizadores, das narrativas dos navegantes, mas, e, principalmente da comédia dell'arte italiana, das danças dramáticas espanholas e dos autos portugueses.[...] Simples, emocional, direto, linguagem narrativa e uma ampla identificação por parte do público pela estrutura dramática dos seus personagens alegóricos, pelos incidentes cômicos e contextuais, pela gravidade dos conflitos e pelo desenlace quase sempre alegre, que funcionaram historicamente como um processo catártico de evacuação e purificação das tensões ocorridas no cotidiano dos escravos, índios e brancos” (*ibidem*).

REIS DE BOI

Através das gerações, os grupos de Reis de Boi mantêm viva essa tradição graças à dedicação e devoção de seus integrantes. Todos os anos renovam sua fé nos Reis Magos por meio das apresentações durante o período que se inicia em 06 de janeiro, dia de Santos Reis (como os três Reis Magos são chamados), se estendendo por todo mês de Janeiro, até

⁹ Poranduba - s.f. Bras. História; relação; notícia. <http://www.dicionarioaurelio.com/Poranduba.html> (acessado em 08.06.2013).

03 de fevereiro, dia de São Brás, o santo protetor das gargantas. Durante todo o mês de janeiro, percorrem casas e comunidades onde são convidados, levando alegria e momentos de fé. Os participantes dos grupos em sua maioria são pessoas de uma mesma família, que no nosso entendimento, é fator primordial e determinante para a perpetuação do Reis de Boi. Todos participam ativamente, contribuindo de diferentes maneiras. Entre os que atuam diretamente na apresentação do Reis de Boi, conta-se um quantitativo que varia de 14 a 30 pessoas. Os grupos apresentam em sua composição: o Mestre, o Sanfoneiro, o Violeiro, os Marujos, o Vaqueiro, a Catirina, o Boi e os Bichos.

Os personagens

O *Mestre* é o responsável pelo grupo. É ele quem comanda e traz consigo o conhecimento e a prática da brincadeira, que lhe foi transmitida geralmente no âmbito familiar através da oralidade e da prática. Esta transmissão de conhecimento se dá através da prática e começa desde a infância. Vai crescendo dentro do grupo e aprendendo com os mais velhos até se tornar adulto e assumir a condição de Mestre. Normalmente o Mestre faz o papel de *guia* e ‘tira’ as marchas, embora, estas também possam ser ‘tiradas’ por outras pessoas do grupo. É importante também, como elemento agregador dos participantes do grupo. É responsável pela organização do grupo de um modo geral: marcar os ensaios, providenciar as vestimentas, armazenar os bichos, representar o grupo, comparecer às reuniões com a prefeitura, agendar as apresentações, providenciar o transporte, enfim, cuidar de qualquer impedimento ou problema que o grupo venha a ter.

O *Sanfoneiro* e o *Violeiro* são os responsáveis pela harmonia das músicas. Posicionam-se um de frente para o outro, em par, no início das filas. Eles têm que estar afinados um com o outro. Todos os mestres nos relataram a importância da afinação e do “casamento sonoro” entre estes dois instrumentos. O som dos dois é como o som das vozes dos Marujos, que devem se equilibrar num encontro entre vozes mais graves e mais agudas, as quais eles chamam de *primeira* e *segunda* voz. São eles também que fazem as “evoluções”, sendo seguidos por todos os marujos.



Reis de boi de Antônio Galdino – 2012
Fotografia: Fabiane Salume



Reis de boi do Valentim - 2014
Fotografia: Fabiane Salume

Os marujos tocam os instrumentos de percussão e cantam as marchas, ocupando funções de *guia*, ‘*contra guia*’ e *coro*. Depois do par formado pelo sanfoneiro e pelo violeiro, vem o par de *guias*, seguido pelo par de ‘*contra guias*’ e por fim, seguido do restante dos marujos, sempre aos pares. Os *guias* é que puxam a marcha, geralmente os dois primeiros versos de uma quadra, respondidos pelos ‘*contra guias*’. Os pares seguintes formam o *coro* que repetem os ‘*contra guias*’. A quantidade média de marujos é de 14 a 20 por grupo, sendo a maioria homens, mas, verificamos a presença de mulheres nos grupos entrevistados. Constatamos com muita alegria um quantitativo cada vez maior de crianças no grupo, o que indica a possibilidade de perpetuação dessa manifestação.



Reis de boi das Barreiras – Festa das Barreiras -2014
Fotografia: Fabiane Salume

O *vaqueiro* é personagem da “*brincadeira do boi*”, também chamado de Pai Francisco, personagem misterioso se esconde atrás de uma máscara, de uso obrigatório, que não é explicada por nenhum dos entrevistados. Além da máscara, o vaqueiro também carrega e faz uso de um cajado. Durante a *brincadeira* é ele quem conduz a venda, a morte e a ressurreição do boi.



Máscara do vaqueiro do Sr. Paixão
Fotografia: Fabiane Salume



Vaqueiro do Reis de boi dos Barros
Fotografia: Fabiane Salume

A *Catirina* é um personagem que é encontrado em quase todos os folguedos do boi e faz o contraponto cômico. É a esposa do vaqueiro, sendo sempre representada por um homem vestido de mulher. Também aparece de máscara, quando entra em cena, diverte a todos, tirando os homens pra dançar, causando ciúmes no vaqueiro que exige o dinheiro de quem dança com ela.



Catirina do Reis de boi de Tião de Véio - 2014
Fotografia: Fabiane Salume



Máscara Catirina do Sr. Paixão
Fotografia: Fabiane Salume

O *Boi* é o personagem principal da '*brincadeira*' aparece sempre acompanhado do cachorro e do Vaqueiro. Embora traga em si um aspecto brincalhão e profano dentro da manifestação, é importante lembrar que o boi se relaciona com o momento sagrado do nascimento do menino Jesus, que segundo as Escrituras Sagradas, nasce em um estábulo cercado por animais, inclusive o boi.



Boi do Sr. Paixão
Fotografia: Fabiane Salume



A brincadeira do boi. *Reis de boi* de Tião de Véio - 2014
Fotografia: Fabiane Salume

A entrada dos *Bichos* é revestida de grande euforia, um misto de curiosidade e medo toma conta de todos que acompanham a apresentação, principalmente as crianças. Os bichos investem contra as pessoas assustando e divertindo os presentes. Não existe um quantitativo de bichos pré-determinado, variando de acordo com o grupo.



Bichos do *Reis de boi* das Barreiras – 2014 Fotografia: Fabiane Salume

Os Instrumentos Musicais

Os instrumentos utilizados são o violão, a sanfona de 8 baixos e os pandeiros. Porém, pode haver variações como o afoxé, o reco-reco e o tamborim.

Os pandeiros são responsáveis pelo ritmo das marchas. A batida dos pandeiros é basicamente dividida em três tipos: o tempo forte marcado por uma batida com o polegar, uma base que varia segundo a marcha e a batida final com um repique.

A sanfona e o violão como vimos anteriormente, são responsáveis pela harmonia da música, por isso, ser de boa qualidade é fundamental. Segundo os mestres, não é qualquer sanfona que dá conta de acompanhar o *Reis*, tem que ser de oito baixos e ter boa sonoridade.

As Marchas

*“Santos Reis estão me chamando
pra com eles passeá
onde eles estiver
eu também vou estar”.*¹⁰

As Marchas, assim como os demais elementos compositivos e participativos do *Reis de boi*, ocupam seu lugar de destaque com uma variedade de ritmos, letras e melodias que animam e dão sentido a cada momento vivido e representado nesta manifestação.

A composição das Marchas geralmente é feita pelos mestres ou por integrantes do grupo, e muitas vezes de forma coletiva, feita na hora dos ensaios, ou ‘tirada’ antes e melhorada na hora para adaptar ao violão e à sanfona. Seu quantitativo é variável, alguns Mestres falaram em 12, 16 e houve quem nos relatasse até 25 marchas ao todo. Esta variação ocorre dependendo do lugar onde o *Reis* se apresenta. Apesar da flexibilidade no quantitativo de marchas, existem aquelas que estão sempre presentes, são obrigatórias e apresentadas seguindo uma ordem, são elas: *O Som de Reis (Reis da Porta)*, o *Descante*, a *Marcha de Entrada*, a *Marcha de Ombro*, o *Baiá*, a *Marcha do Vaqueiro*, a *Marcha do Boi*, a *Marcha dos Bichos*, a *Marcha de Despedida* e a *Marcha da Retirada*. Cada marcha possui suas características e seu momento de apresentação. Vamos entender então, como cada uma delas aparece no decorrer da manifestação: diante da porta fechada, seja na Igreja ou em uma casa, o sanfoneiro e o violeiro puxam o *Som de Reis* ou o *Reis da Porta*, que é a primeira Marcha a ser cantada. Esta Marcha fala do nascimento de Jesus e tem por finalidade avisar que o Reis de Boi está chegando. Ela é cantada somente pelos guias e contra-guias, acompanhados do violão e da sanfona.

*Andei, andei, te procurei, não encontrei
Aonde você estava meu grande amor (Guias)
Eu tava no seu coração
Que sempre me apaixonou*

*Você disse que homem não chora
E é mentira que já chorou (Contra guias)
Um homem quando chora
No seu coração sente a dor.*¹¹

¹⁰ Trecho do “*Som de Reis*”, citado pelo Sr. Paixão.

¹¹ Trecho do “*Reis da Porta*”, citada pelo Sr. Antônio Galdino.

O “*Descante*” é a segunda marcha tocada, é o pedido de ‘abrigão’ de porta, pede permissão para entrar e louva os Santos Reis. Também é cantada apenas pelos guias e contra-guias, acompanhados do violão e da sanfona. Aberta a porta, o *Reis* entra cantando a “*Marcha de Entrada*”, que é o pedido de licença, a saudação:

*“Viemos nessa casa
com amor e alegria,
viemos festejas Santos Reis
que hoje é seu dia”*¹²

Outras marchas não têm uma ordem obrigatória, nem fala de nenhum tema específico, mas estão sempre presentes nas apresentações, seja na Igreja, ou nas casas. São elas: “*Marcha corrida*”, que, como o próprio nome diz, é mais rápida, “*animada*”. “*Marcha de Ombro*”, mais calma e com o ritmo mais cadenciado, marcado pelas batidas de ombro entre os Marujos.

*“Na copa do meu chapéu
Eu trago, cravo e rosa
Parece uma estrela D’Alva
Quando vem rompendo a aurora”*¹³

“*Baiá*”, uma marcha mais “*ligeira*” que a ‘*Marcha de Ombro*’, mais solta e dançante. Durante todas essas marchas podem acontecer “*evoluções*”, que são coreografias, geralmente comandadas pelo Sanfoneiro e pelo Violeiro.

As próximas marchas representam o lado profano da ‘brincadeira’. Nesse ponto, vale ressaltar que, se a apresentação for ao interior da Igreja, daqui em diante, o grupo sai e o resto da apresentação ocorre do lado de fora. Nas apresentações em casas, não é necessário essa saída.

Primeiro vem a *Marcha Rodada do boi* e em seguida a “*Marcha do Vaqueiro*”, primeiro personagem a entrar na brincadeira. Esta é uma marcha muito animada onde o Vaqueiro exhibe um belíssimo sapateado. Em um determinado momento, a cantoria é interrompida para que o Vaqueiro estabeleça o diálogo da venda do boi. Feita a venda, retoma-se a cantoria e o Vaqueiro chama o boi que, entra e brinca com o público, sempre acompanhado do cachorro. Num determinado momento, o Vaqueiro dá uma paulada na

¹² Trecho da “*Marcha de Entrada*”, citada pelo Sr. Paixão.

¹³ Trecho da “*Marcha de Ombro*”, citada pelo Sr. Antônio Galdino.

cabeça do boi, que cai. A marcha se torna mais lenta e a letra acompanha o momento vivido pelos personagens. Após a reza e a cura do boi, voltam a cantar alegremente a *Marcha de saída do boi*, enquanto ele se retira da brincadeira.

Em seguida entra o Vaqueiro, que retorna com a bicharada ao som da *Marcha dos Bichos*. É neste momento que acontece uma variação no quantitativo das marchas, pois, existem grupos que cantam uma marcha diferente para cada bicho, e aí, quanto mais bichos, mais marchas. Outros agrupam os bichos em pares, ou em trios e cantam uma marcha para cada grupo, reduzindo assim o número de marchas.

Novamente o Vaqueiro sai, desta vez levando consigo os bichos e retorna com sua “distinta” esposa Catirina. É a parte cômica e mais desprendida da brincadeira, tanto, que esta personagem não possui uma marcha específica, mas sim, diverte a todos ao som de um forró. Neste ponto a brincadeira vai chegando ao fim. Os personagens saem de cena e novamente ficam apenas os músicos e Marujos, que cantam a *Marcha de Despedida* da brincadeira, outra *Marcha de Ombro* e a *Marcha de Retirada*, finalizando assim a apresentação.

Vale ressaltar dois fatos curiosos: o primeiro é a ausência de registro escrito das letras das Marchas, delegando ao Mestre e aos guias a responsabilidade do ensinamento, que é feito de forma oral e repetitiva nos ensaios, até que todos memorizem. O segundo é que as Marchas são sempre inéditas, ou seja, todos os anos novas marchas são escritas. Esta singularidade faz com que os temas utilizados na escrita das letras das marchas, abordem, além das temáticas religiosas, clássicas e habituais, também, atualidades de cunho político, social e econômico. É a tradição permitindo-se mesclar e interagir com o meio circundante, confirmando o dinamismo da cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos na introdução deste trabalho, as tradições culturais no Brasil são frutos do entrelaçamento de diferentes povos. Dentre estas tradições, destacamos o Reis de boi, cuja devoção aos Reis Magos, foi trazida juntamente com o catolicismo implantado no Brasil pelos colonizadores portugueses.

Ao longo de nossa pesquisa nos últimos cinco anos, constatamos que o Reis de Boi mantém viva a devoção e a narrativa da visitação dos reis magos e assume características populares. Com muita dedicação, poucos recursos e quase nenhum apoio dos órgãos públicos, os Mestres seguem à frente dos grupos enfrentando todo tipo de adversidade para manter viva esta tradição, que se revela através de sua fé e devoção; Os Mestres transmitem essa tradição, de geração em geração, através da oralidade e da prática, colaborando com a preservação da memória coletiva e a promoção e o respeito à diversidade cultural.

Ao longo de seus mais de trezentos anos de existência, foi sendo recriada e modificada coletivamente pela comunidade e pelos grupos. Através dos gestos, evoluções, ritmo, harmonia, melodia, cores, fitas e flores, levam a fé, esperança, amor, alegria e diversão a todos que participam e presenciam as apresentações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROSO, O.. (2008). *Reisado: Um Patrimônio da Humanidade*. Juazeiro do Norte: Banco do Nordeste.
- BÍBLIA SAGRADA (2003). Tradução portuguesa da versão francesa dos originais: grego, hebraico e aramaico, traduzido pelos monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). 158ª edição. Editora Ave Maria (Edição Claretiana).
- CÍNTIA, C. *Qual é a origem do bumba-meu-boi e o que ele representa?* Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-e-a-origem-do-bumbameuboi-e-o-que-ele-representa>> Acesso em: 18.05.2013.
- MARQUES, E. *Boi de Morro*. Disponível em: http://boidemorros.com.br/pagina_genealogia_origens.php>. Acesso em: 18.05.2013.
- NEVES, G. S. (2008). *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982*. Vitória: Centro cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo.
- PASSARELLI, U. *Reisados Brasileiros: tipologia*. 2003. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1tai6pH4BS_aTDk0zkMugrjNiVeZUqx34URp177fWBSQ/edit?pli=1. Acesso em: 25.04.2015.
- SANTOS, I. L. P. (2008). *Os Palhaços das manifestações populares brasileiras: Bumba meu boi, Cavalo Marinho, Folias de Reis e Pastoril Profano*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Artes, Universidade Paulista (UNESP). São Paulo.
- SAGAE, P. O. (1998). “Do Boi ao Brasil-bumba: alegria, alegoria”. In: Revista Tema. São Paulo, Faculdades Teresa Martin (vol.32) jul-dez. 1998.
- SILVA, A. M. F. (2006). *Reis Magos: História, arte, tradições: fontes e referências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial.
- TORRES, L. B.; CAVALCANTE, R. “Festas de Santos Reis”. In: Salto para o Futuro, Boletim 02, abril de 2007. Aprender e Ensinar nas Festas Populares.